



■ PAULO VANNUCHI, MINISTRO DA SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS, QUER CUIDADO COM INTOLERÂNCIA

Alerta contra xenofobismo

O ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Paulo Vannuchi, alertou ontem contra o perigo de que a crise econômica provoque um aumento da intolerância e da xenofobia.

"A crise econômica pode levar a uma crise política aguda e, com isso, não só ter carências materiais, mas desequilíbrios sociais que podem comportar focos de intolerância e discriminação, algo que devemos evitar a todo custo", disse Vannuchi, no discurso que pronunciou durante a sessão de alto nível do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), que começou ontem. Por isso, ele pediu que todos os governos participem de forma ativa da Conferência de Revisão sobre o Racismo e a Luta contra a Intolerância que ocorrerá em Genebra, em abril. "A participação de todos e o retorno dos que se afastaram da conferência é indispensável", afirmou Vannuchi.

O ministro brasileiro disse também que se preocupa "particularmente com a situação dos

imigrantes" e deixou claro que espera que a crise não traga como consequência um aumento dos obstáculos para a livre circulação de pessoas, nem um aumento à rejeição dos estrangeiros. "A democracia é incompatível com o racismo", disse.

Além disso, Vannuchi lembrou que o Brasil solicitou a renovação do mandato do relator especial sobre o direito à saúde, "porque não é possível que 1,7 bilhão de pessoas estejam sem acesso regular a remédios essenciais".

■ Elogio

O diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy, elogiou ontem o Brasil como o país que está fazendo melhor que outros na resistência ao protecionismo, em plena crise financeira e econômica global, e apontou também atitudes positivas da parte do presidente americano Barack Obama.

Em discurso na Austrália, o diretor-geral da OMC disse que os governos asiáticos, sobretudo do Japão e Coreia do Sul, es-

tavam reagindo bem à crise global, assim como Austrália e Nova Zelândia. Mas que o Brasil estava na frente de todos. "Se fosse para dar um prêmio por esse período, eu penso que o presidente Lula o teria", disse Lamy. Em janeiro, o Brasil preparou restrições a 60% das importações, por meio de licenças de importação, mas Lula reverteu a decisão imediatamente por não querer ser identificado com protecionismo.

A declaração de Lamy tem mais significado político quando se nota em Genebra que a vizinha Argentina estaria pressionando dentro do Mercosul por protecionismo.

Em segundo lugar, na classificação de Lamy, vem o presidente americano Barack Obama por seu pacote de estímulo de US\$ 787 bilhões, que atenuou, segundo ele, a exigência de compra de produtos americanos. O diretor-geral da OMC foi em todo caso prudente, evitando endossar as medidas americanas, notando que o "diabo está nos detalhes e na sua implementação".